

REINVENTANDO A AMARELINHA: UM JOGO PARA A INCLUSÃO NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Sophia Bertulucci Camilo ¹
Kemilly Jordana Rolim Dourado Barros ²
Maria Eduarda da Silva Pydd ³
Camila Verusca Rodrigues de Oliveira ⁴

RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo compartilhar um relato de experiência, a partir de uma atividade realizada com crianças do 3º agrupamento, no Centro Municipal da Educação Infantil (CMEI) em Mato Grosso. A atividade, buscou construir uma amarelinha educativa e acessível, a fim de promover a inclusão e aprendizagem de forma lúdica e colaborativa, integrando números, coordenação motora e a Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS), sendo dividida em três etapas: construção da amarelinha, aprendizado dos números em LIBRAS e aplicação prática. Durante a realização, foram utilizadas metodologias ativas e multissensoriais, que buscaram proporcionar um espaço de desenvolvimento e aprendizado, fundamentando-se nas formações e materiais acessados a partir do Programa Institucional de Bolsas e Iniciação à Docência (PIBID). Como resultado, foi observado grande envolvimento e interesse pela proposta apresentada. Dessa maneira, a ação compartilhada busca proporcionar e contribuir com as discussões relacionadas a inclusão de crianças com deficiência, ao mesmo tempo em que aproxima as crianças e os profissionais da educação de práticas pedagógicas que tenham a intenção de construir espaços que não neguem as diferenças. Para que seja possível pensar em uma educação que se construa a partir das diferentes realidades e contextos, aproximando-se da valorização das diferenças e fortalecimento da empatia, cooperação e respeito entre todos.

Palavras-chave: Amarelinha, Ludicidade, Inclusão, Língua Brasileira de Sinais.

¹Graduanda do Curso de Pedagogia da Universidade Federal de Rondonópolis - UFR, sophia.bertulucci@aluno.ufr.edu.br;

² Graduanda do Curso de Pedagogia da Universidade Federal - UFR, kemilly.jordana@aluno.ufr.edu.br;

³ Graduanda do Curso de Pedagogia da Universidade Federal de Rondonópolis - UFR, maria.pydd@aluno.ufr.edu.br;

⁴ Professor orientador: Camila Verusca Rodrigues de Oliveira, Especialista AEE- Atendimento Educacional Especializado, Faveni, camilaverusca12@gmail.com.



INTRODUÇÃO

A amarelinha é uma brincadeira tradicional e comum em diversos países e períodos históricos, nesse sentido não é possível marcar local e momento em que ela surge, porém sabe-se que ela está ligada ao folclore e manifestou-se através da oralidade (Kishimoto 2017, p.38), fazendo-se presente na cultura de diversas sociedades através de uma transmissão geracional. As concepções sobre o jogo e a brincadeira infantil passaram por alterações a partir de diferentes contextos históricos e culturais, sendo compreendidos como triviais ou pouco importantes e depois como uma ação que propicia o desenvolvimento da criatividade e construção de sentidos e significações (Kishimoto, 2017). Após essas mudanças observa-se a tomada de um espaço importante na elaboração de atividades pedagógicas que utilizam a brincadeira e o jogo como uma ponte para a construção de uma relação entre a criança e o conhecimento explorado, como dito por Kishimoto (2017, p.41):

Quando as situações lúdicas são intencionalmente criadas pelo adulto com vistas a estimular certos tipos de aprendizagem, surge a dimensão educativa. Desde que mantidas as condições para a expressão do jogo, ou seja, a ação intencional da criança para brincar, o educador está potencializando as situações de aprendizagem.

O presente trabalho buscará relatar a atividade desenvolvida no Centro Municipal de Educação Infantil, instituição em que são realizadas as práticas do Programa de Iniciação à Docência (PIBID), pelo Subprojeto Alfabetização - Educação Infantil. O planejamento desse momento, foi conduzido a partir da observação crítica do contexto escolar e da compreensão acerca da necessidade e importância da realização de práticas pedagógicas inclusivas, que considerem as diferenças e as especificidades das crianças (Lanuti, 2022). A construção da amarelinha foi realizada durante o período de interação entre teoria e prática escolar, tendo como objetivo oportunizar o reconhecimento das diferenças linguísticas através de um momento lúdico e interativo, em que as crianças puderam reconhecer letras e números na Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS) para assim desenvolver a brincadeira a partir dos códigos apresentados, ampliando a construção de espaços educacionais que proporcionem uma educação efetiva a todos.





As ideias exploradas ao longo do presente relato se fundamentam nos estudos de Lanuti, Mantoan, Vygotsky e Kishimoto, as discussões e pesquisas desses autores exploram concepções sobre as diferenças, a importância da interação social no desenvolvimento e a utilização da brincadeira como meio de apropriação e significação do contexto no qual as crianças estão inseridas, reconhecendo a diversidade e as diversidades sociais e linguísticas.

METODOLOGIA

Este estudo caracteriza-se como um relato de vivência formativa, realizado no subprojeto PIBID Alfabetização Educação Infantil da Universidade Federal de Rondonópolis (UFR). A experiência foi desenvolvida, em uma instituição pública no Centro Municipal de Educação Infantil (CMEI), que oferece educação para crianças de 0 a 5 anos de idade, em Rondonópolis (MT), na qual foi aplicada a atividade com uma turma composta por 22 crianças de 3 anos.

A experiência, foi fundamentada com abordagens pedagógicas que coloca a criança como protagonista, incentivando-as a participarem ativamente na aprendizagem, juntamente com as abordagens multissensoriais, com o objetivo de enriquecer a experiência, promovendo uma aprendizagem mais significativa.

No início da vivência, a pibidiana, em parceria com a professora supervisora (regente da turma), propôs às crianças a realização de desenhos e pinturas na estrutura da amarelinha, com o objetivo de estimular a criatividade, a imaginação e o desenvolvimento da ludicidade de forma prazerosa e alegre. A atividade foi realizada no chão, permitindo que as crianças explorassem o espaço de maneira livre e expressiva. Para isso, foram disponibilizados potes com lápis de cor, que possibilitaram a criação de produções artísticas variadas e cheias de significado.

Posteriormente, a pibidiana ensinou as crianças os números de 0 a 10 em Libras, que seriam utilizados na brincadeira da amarelinha, promovendo a inclusão e o contato com a Língua Brasileira de Sinais na Educação Infantil. Dessa forma, a proposta se desenvolveu de modo lúdico e colaborativo, proporcionando uma experiência envolvente e despertando grande interesse entre as crianças.

Com base teórica à leitura dos dados, foram considerados os estudos de Tizuko Kishimoto em relação à aprendizagem e o desenvolvimento infantil através do lúdico (Kishimoto, 2011) e as ideias defendidas por Maria Teresa Egler Mantoan, que retrata sobre a





inclusão e a importância de entender as diferenças, valorizando as diferentes formas de ser e aprender (Mantoan, 2003), além disso, inclui-se as contribuições de Vygotsky, que aborda sobre o fortalecimento das relações sociais que contribui significativamente no desenvolvimento das crianças, pois é através da convivência e a interação que a aprendizagem acontece, por fim também se baseiam no estudos de José Eduardo Lanuti, que defende a educação inclusiva e a importância da verdadeira acessibilidade das práticas pedagógicas a todas crianças com especificidades e diferenças (Lanuti, 2022).

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Ludicidade e Aprendizagem

Os dados observados nesta categoria evidenciam que a ludicidade teve papel central no processo de aprendizagem das crianças, uma vez que a participação ativa nas etapas da proposta, desde a construção da amarelinha até a realização das jogadas, demonstrou alto nível de envolvimento e curiosidade, especialmente durante o aprendizado dos números em Libras, o caráter lúdico da atividade possibilitou que o conhecimento fosse construído de forma prazerosa e significativa, no qual as crianças demonstraram entusiasmo e engajamento. De acordo com Kishimoto (2011), o lúdico constitui-se como um instrumento cultural fundamental para a aprendizagem e o desenvolvimento infantil, possibilitando a formação e a apropriação de conceitos, ela destaca que a capacidade de brincar oferece às crianças um espaço para resolver problemas e elaborar suas próprias experiências (Kishimoto, 2011, p. 48).

Nessa perspectiva, o brincar se revela uma prática essencial ao desenvolvimento, pois permite à criança explorar, descobrir e atribuir sentido ao que aprende, assim, a amarelinha em Libras configurou-se como um instrumento pedagógico integrador, que aliou movimento, expressão corporal e linguagem visual, ampliando as possibilidades de compreensão, comunicação e construção de saberes de maneira satisfatória.

Inclusão e Valorização das Diferenças

Nesta categoria, os resultados apontam para a importância da atividade enquanto prática educativa inclusiva, capaz de valorizar as diferenças e promover a participação de todos os envolvidos, com a utilização da Libras como linguagem principal da brincadeira





possibilitou que as crianças se aproximassem de uma nova forma de comunicação, despertando o respeito e o interesse pela diversidade linguística e cultural das pessoas surdas, essa vivência ampliou o olhar das crianças e das pibidianas sobre a necessidade de práticas pedagógicas acessíveis e acolhedoras, que garantam o direito de todos à aprendizagem.

Nesse contexto, compreender o valor das diferenças é essencial para que a escola se torne, de fato, um espaço de inclusão, já que a diversidade presente no ambiente escolar não deve ser vista como obstáculo, mas como uma oportunidade de aprendizagem e crescimento coletivo. É nesse sentido que Mantoan (2003, p. 20) enfatiza que “elas são produzidas e não podem ser naturalizadas, como pensamos habitualmente, essa produção merece ser compreendida, e não apenas respeitada e tolerada”, logo ao compreender as diferenças como parte constitutiva do processo educativo, o educador amplia sua prática pedagógica, reconhecendo que cada sujeito aprende de forma singular. Assim, promover experiências que valorizem distintas linguagens e modos de expressão, como a Libras, contribui para a construção de uma escola verdadeiramente inclusiva, que respeita as múltiplas formas de ser e aprender.

Cooperação entre pares

A análise desta categoria revelou que a proposta da amarelinha em Libras favoreceu o fortalecimento das relações interpessoais e o desenvolvimento de atitudes de cooperação entre as crianças, durante a construção do jogo e nas etapas de aplicação, observou-se a presença constante de ajuda mútua e incentivo coletivo: as crianças se organizaram em fila, compartilharam materiais e celebraram juntas o esforço de cada participante, esses momentos demonstram que o brincar não apenas diverte, mas também constitui um instrumento valioso de socialização e aprendizado. Nesse contexto, a experiência observada se alinha à perspectiva de Vygotsky (1989; 2001), segundo o qual “a aprendizagem pressupõe uma natureza social específica, um processo através do qual a criança adentra a vida intelectual das pessoas que a cercam. [...] a aprendizagem precede o desenvolvimento.” ou seja, ao interagir, colaborar e participar de atividades coletivas, as crianças não apenas adquirem conhecimentos e habilidades, mas também internalizam práticas culturais e constroem processos de desenvolvimento internos, a amarelinha em Libras, portanto, exemplifica como a aprendizagem compartilhada promove tanto o crescimento cognitivo quanto o fortalecimento das relações sociais.



CONSIDERAÇÕES FINAIS



As considerações finais deste relato evidenciam que a experiência pedagógica desenvolvida no âmbito do subprojeto PIBID Alfabetização Educação Infantil configurou-se como uma prática formativa relevante, tanto para a formação docente inicial quanto para o processo de aprendizagem das crianças da Educação Infantil.

O jogo da amarelinha na Educação Infantil, como atividade pedagógica inclusiva constrói a relação de considerar as diferenças e as especificidades das crianças, de modo que o objetivo é reconhecer as variedades linguísticas, através de um momento lúdico e prazeroso, em que as crianças desenvolvem a brincadeira por meio da Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS), na qual elas reconhecem e aprendem letras e números, fortalecendo a construção de espaços educacionais, garantindo uma educação inclusiva de qualidade para todos. Dessa maneira, a proposta da amarelinha em Libras reafirmou a importância do lúdico como instrumento mediador da aprendizagem e do desenvolvimento integral da criança, favorecendo a expressão, a interação social e a construção de conhecimentos de forma significativa.

A experiência para as crianças foi enriquecedora, pois as aprendizagens foram construídas ao longo do processo formativo da atividade pedagógica, garantindo o desenvolvimento e as habilidades no crescimento cognitivo, ao interagir, socializar e contribuir, através da participação e envolvimento, e de aprender outra forma de comunicação, através da diversidade linguística dos surdos no mundo social, valorizando a prática educativa inclusiva e as diversas maneiras de ser e aprender. Apesar da pouca idade das crianças, é possível perceber que a capacidade de aprendizagem delas é de grande relevância para uma educação inclusiva, desde os primeiros anos escolares. A integração entre ludicidade e inclusão revelou-se um elemento essencial para a consolidação de práticas pedagógicas sensíveis à diversidade e comprometidas com a equidade.

O uso da Libras na atividade contribuiu para ampliar o repertório linguístico e cultural das crianças, promovendo o respeito às diferenças e o reconhecimento da comunicação como um direito de todos. Fundamentada em autores como Kishimoto (2011), Mantoan (2003), Vygotsky e Lanuti (2022), a experiência reforça que o brincar, a interação e a valorização das especificidades individuais são dimensões indissociáveis de uma educação verdadeiramente inclusiva.

Para as pibidianas, a atividade realizada contribuiu significativamente para a formação docente e para a ampliação de práticas inclusivas no CMEI, desse modo, essas práticas





abrangem grande importância para possibilitar o contato com a Libras, pois ampliam as formas de comunicação no processo educativo, reconhecendo a língua como identidade e cultura, tornando o ambiente mais acessível para crianças surdas, além, de trazer a reflexão sobre o papel da linguagem na inclusão e favorecer uma postura docente com respeito às diferenças, desenvolvendo estratégias pedagógicas inclusivas.

Dessa forma, conclui-se que vivências como a relatada reafirmam o papel do professor como mediador e pesquisador de sua prática, bem como a relevância da formação inicial docente comprometida com metodologias inovadoras e inclusivas. Tais experiências contribuem para a consolidação de uma Educação Infantil que reconhece o lúdico e a diversidade como fundamentos indispensáveis à aprendizagem significativa e ao desenvolvimento pleno das crianças.

AGRADECIMENTOS

Através desse espaço, agradecemos à nossa querida professora Camila Verusca, na qual, sem a sua dedicação à realização da amarelinha inclusiva, o projeto ENALIC não seria o mesmo. Desde o planejamento até a execução da atividade, a professora demonstrou cuidado e compromisso, permitindo que a proposta se transformasse em um espaço significativo e cheio de aprendizados para os pequenos, em que cada criança pôde vivenciar a inclusão de maneira concreta e lúdica.

Além disso, é fundamental agradecer pela oportunidade de participar do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID) e do Encontro Nacional das Licenciaturas (ENALIC), pois foram essas experiências que nos abriram portas para enxergar a docência para além dos livros, permitindo-nos vivenciar a realidade da sala de aula e o cotidiano escolar. Nesse contexto, estar ao lado da professora orientadora, acompanhar o ritmo da sala de aula e conviver com as crianças nos fez compreender, de maneira mais sensível e real, o que é ser professora, esses encontros marcaram nossa formação e deixaram aprendizados que não se limitam ao campo acadêmico, são vivências que nos preparam para nosso percurso acadêmico e pessoal, deixando aprendizados que levaremos para toda a vida.

REFERÊNCIAS





KISHIMOTO, Tizuko Morchida. **O jogo e a educação infantil.** In: KISHIMOTO, Tizuko Morchida (Org.). **Jogo, brinquedo, brincadeira e a educação.** 14. ed. São Paulo: Cortez, 2017. p. 13-44.

LANUTI, J. E. O. E. **A consideração da imprevisibilidade e da liberdade na construção de uma escola inclusiva.** Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação, Araraquara, v. 17, n. esp. 2, p. 1189-1203, jun. 2022. e-ISSN: 1982-5587. DOI: <https://doi.org/10.21723/riaee.v17iesp.2.16990>

SARAVY, Carla Regina Maschio; SCHROEDER, Edson. **A dinâmica das interlocuções e a emergência dos significados segundo Vygotsky: análise de um processo de ensino na educação infantil.** Ciências & Cognição, Rio de Janeiro, v. 15, n. 1, p. 100-123, abr. 2010. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1806-58212010000100010. Acesso em: 19 out. 2025.

MANTOAN, Maria Teresa Eglér. **Inclusão escolar: o que é? Por quê? Como fazer?** 1. ed. São Paulo: Moderna, 2003. Disponível em: <https://files.cercomp.ufg.br/weby/up/211/o/INCLUS%C3%83O-ESCOLARMaria-Teresa-Egl%C3%A9r-Mantoan-Inclus%C3%A3o-Escolar.pdf>. Acesso em: 19 out. 2025.

